

## Mulheres no futebol: análise dos comentários sobre o trio feminino de arbitragem na Copa do Brasil masculina

Women in football: an analysis of comments on the female referee trio in the men's Copa do Brasil

**Tanise Zeppenfeld Arruda**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil  
Mestranda em Ciência do Movimento e Reabilitação, UFSM  
taniseza@gmail.com

**Angelita Alice Jaeger**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil  
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS

**RESUMO:** O presente estudo analisa os comentários da postagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Seleção Feminina de Futebol na rede social *Instagram*, a qual noticia o primeiro trio feminino a arbitrar na Copa do Brasil masculina. Com base na Análise de Conteúdo (Bardin), elencamos quatro categorias: incompetência, lugar da mulher, elogios e outros. Por fim, com aporte teórico nos estudos feministas (Butler) e conceitos como pós-verdade (Gudonis; Jones) e bolhas de filtragens (Zoglauer), concluímos que há resistências, preconceitos e opressões de gênero expressas nos comentários analisados, mas, também, existem incentivos às árbitras. Sendo assim, é preciso outros estudos para dar visibilidade às histórias das mulheres, desafiando raízes machistas da sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Gênero; Redes sociais; Mulheres.

**ABSTRACT:** This study analyzes the comments on posts by the Brazilian Football Confederation (CBF) and the Women's National Football Team on Instagram, announcing the first all-female referee trio in the men's Copa do Brasil. Based on Content Analysis (Bardin), we identified four categories: incompetence, women's role, praise, and others. Finally, grounded in feminist studies (Butler) and concepts such as post-truth (Gudonis; Jones) and filter bubbles (Zoglauer), we concluded that the comments reflect gender-based resistance, prejudice, and oppression, but also incentives for the referees. Therefore, further studies are necessary to highlight women's stories, challenging the deeply rooted machismo in society.

**KEYWORDS:** Football; Gender; Social media; Women.

## INTRODUÇÃO

A luta das mulheres por espaço no esporte ocorre há séculos. Entre as poucas menções encontradas sobre o tema em nossa historiografia futebolística, destacam-se a pioneira obra de 1950, *História do Futebol no Brasil*, escrita pelo jornalista Thomaz Mazzoni, na qual o tema principal é o desenvolvimento do futebol masculino. No entanto, o autor menciona o primeiro jogo no Pacaembu, disputado por São Paulo F. C. e América F. C. em 1940, e afirma que essa foi uma disputa única, sem interesse na continuidade do futebol feminino. Na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter, em uma nota de rodapé de sua obra *Breve História do Futebol Brasileiro*, comenta sobre o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil, realizado entre equipes dos bairros da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo, em 1913. Marcado por preconceitos e até por proibições legais, como veremos a seguir, somente a partir de 1981 surgiram as equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América, entre outros.<sup>1</sup>

No Brasil, o anseio das mulheres por fazer parte do mundo esportivo encontrou barreiras legais, já que modalidades como lutas e futebol lhes foram proibidas durante décadas através do Decreto-Lei 3.199/1941,<sup>2</sup> reatualizado pelo Decreto-Lei 3.199/1965 e retificado pela Lei 6.251/1965 – deliberação que só foi revogada em 1979. Mesmo assim, em 1971 tivemos aqui a primeira árbitra do mundo com diploma reconhecido, embora tenha precisado insistir junto à Federação Brasileira de Futebol (FIFA) e ao então presidente da instituição, João Havelange. Além disso, ela passou por inúmeros testes físicos, pois muitos acreditavam que uma mulher não teria condições biológicas – e, consequentemente, físicas – para suportar o ritmo do jogo de futebol.

Essa mulher é Asaléa de Campos, mais conhecida como Léa Campos. Nascida em 1945 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Léa formou-se em Educação Física e Jornalismo pela Universidade de Brasília, o que a levou a trabalhar como jornalista

---

<sup>1</sup> FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.

<sup>2</sup> Segundo o Decreto-Lei 3.199/1941, Art. 54º: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O qual foi regulamentado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) em 1965, o qual estabeleceu a Deliberação 7, item 2) “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e baseball”. Essa Deliberação foi revogada em 1979.

em emissoras de rádios mineiras e como relações públicas do clube Cruzeiro. Iniciou sua carreira como árbitra ao fazer um curso na escola de árbitros no Departamento de Futebol Amador da Federação Mineira de Futebol (FMF) em 1967. Após apitar em diversos continentes e competições, afastou-se dos gramados aos 29 anos devido a um grave acidente de trânsito que sofreu. No entanto, sua paixão pela arbitragem a levou a outras modalidades, tais como, luta livre e boxe. Atualmente, reside nos Estados Unidos da América, ensina futebol para mulheres e é cronista esportiva.<sup>3</sup>

Mais de 50 anos depois da primeira brasileira pisar em campo para apitar um jogo de futebol, poderíamos pensar (quase ingenuamente) que os obstáculos para as mulheres exercerem essa função ficaram no passado. Infelizmente, não é o caso, e esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Para se ter uma ideia, somente em 2022, na Copa do Mundo do Catar, um trio de arbitragem feminino apitou pela primeira vez um jogo da competição masculina. Em nosso país, o primeiro trio de arbitragem formado por mulheres apitou uma partida da Copa do Brasil masculina em maio de 2024.<sup>4</sup>

Nessa profissão, as árbitras enfrentam diversas dificuldades no início da carreira, tais como: conciliar as demandas da vida social e familiar, já que, os jogos costumam ocorrer durante os fins de semana, o que pode afastá-las do convívio de pessoas próximas e; violências, as quais podem ser verbais e até físicas, provenientes frequentemente de homens.<sup>5</sup> Mesmo enfrentando preconceito e tendo poucas oportunidades, elas tendem a sentir-se realizadas com a profissão e desejam que mais mulheres ocupem cargos ligados ao futebol.<sup>6</sup> Além disso, comentários agressivos e degradantes nas redes sociais, que também configuram violência verbal, são recorrentes na vida dessas profissionais.

Com base nesse contexto, esse artigo busca analisar os comentários da postagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Seleção Feminina de Fute-

---

<sup>3</sup> SCHUMACHER; BRASIL. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Asaléa de Campos Fornero Medina (depoimento).

<sup>4</sup> Conf.: <https://abrir.link/cvYQe>.

<sup>5</sup> MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto profissional de mulheres.

<sup>6</sup> HARTMANN; OLIVEIRA; JAEGER. From the stands to the center of the court: the women in futsal refereeing in Brazil.

bol na rede social *Instagram*, que anunciaram o primeiro trio feminino a arbitrar na Copa do Brasil masculina. Para isso, será utilizada a Análise de Conteúdo,<sup>7</sup> com embasamento teórico nos estudos feministas e conceitos como pós-verdade e bolhas de filtragens.<sup>8</sup> Desse modo, tencionamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais desdobramentos das relações de gênero que emergem dos comentários a respeito da postagem na rede social *Instagram*: “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina”?

## PRINCIPAIS CONCEITOS

A noção de gênero difere do conceito de sexo biológico. Na realidade, ela desestabiliza a ideia de um determinismo biológico que associa homens necessariamente à masculinidade e mulheres à feminilidade com base em suas características corporais. O conceito de gênero entende que as posições que homens e mulheres assumem ao longo da vida são construídos socialmente e influenciam a maneira como os corpos são percebidos, treinados e disciplinados. Sendo assim, gênero é uma construção social, a qual molda comportamentos e expectativas sociais.<sup>9</sup> Sendo que a performatividade de gênero é influenciada socialmente através de práticas repetidas, que não estão necessariamente atreladas ao sexo biológico.<sup>10</sup> Ou seja, aprendemos a nos comportar (performar) a partir de exemplos e práticas sociais que nos incentivam a reproduzir e reiterar.

O movimento sufragista marcou o início da primeira onda do feminismo, que estava fortemente vinculada aos interesses de mulheres brancas e de classe média.<sup>11</sup> No entanto, mais de um século depois, o movimento feminista está na sua quarta onda, passou por inúmeras mudanças e rupturas que ampliaram seu escopo para incluir questões que atravessam o gênero, como classe social, raça e inclusão de pessoas com deficiência nas pautas e discussões. Assim, podemos afirmar que hoje não há um movimento feminista uniforme e único, mas sim um movimento multifacetado e plural.

---

<sup>7</sup> BARDIN. *Análise de conteúdo*.

<sup>8</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths: truth and knowledge in a post-truth world*. GUDONIS; JONES. “Who Controls the Past?”

<sup>9</sup> GOELLNER. *Dicionário Crítico de Educação Física*.

<sup>10</sup> BUTLER. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*.

<sup>11</sup> LOURO. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*.

Além disso, no que tange ao ciberespaço, as redes sociais têm sido ativamente utilizadas como ferramentas na luta contra a violência de gênero, assédio, misoginia e como espaços de promoção da interseccionalidade – conceito que considera as múltiplas formas de opressão que se cruzam, como raça, classe e orientação sexual.<sup>12</sup>

Dessa forma, as redes sociais estão profundamente conectadas aos espaços de lutas feministas. Todavia, também se configuram como ambientes onde violências de gênero acontecem repetidamente. A partir de uma análise de matérias jornalísticas do blog Dibradoras,<sup>13</sup> que através de textos críticos expõem a realidade das profissionais do futebol, desconstróem a narrativa sobre mulher e futebol na mídia hegemônica. Em contrapartida, mulheres envolvidas com o futebol sofrem atos de intolerância, discriminação e até violência, independentemente do cargo que ocupam – sejam jornalistas esportivas ou narradoras<sup>14</sup> ou atletas,<sup>15</sup> sendo constantemente alvo de comentários preconceituosos.

Dessa maneira, o esporte, enquanto artefato social e cultural, pode representar tanto um espaço de liberdade para as mulheres quanto um local onde elas são alvo das mais variadas formas de violência. O esporte generifica corpos, foi (e muitas vezes, ainda é) concebido e pensado por homens e para homens, com base em conceitos puramente biológicos para regulamentar as políticas esportivas que objetivam a ordem de gênero.<sup>16</sup> A própria historiografia esportiva, em sua maior parte, é constituída por narrativas masculinas sobre feitos masculinos. Dessa maneira “é preciso reescrever a história das mulheres no esporte situando-as como objeto central da pesquisa”.<sup>17</sup> Embora hoje tenhamos maior acesso a histórias de mulheres esportistas, muitas foram distorcidas ou apagadas ao longo do tempo, já que não havia interesse em destacar conquistas femininas.

Por isso, torna-se fundamental compreender o gênero como categoria de análise – a qual interpreta as relações de gênero como fluidas, dinâmicas, multifacetadas,

<sup>12</sup> PEREZ; RICOLDI. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva.

<sup>13</sup> SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia: o drible do blog Dibradoras.

<sup>14</sup> LIMA; FERNANDES. Interatividade e parâmetros tecnodiscursivos em práticas textuais impostas no contexto do futebol feminino. JACOBOWSKI. *A voz das mulheres: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação à narração feminina na Globo*.

<sup>15</sup> SILVA JUNIOR; FREITAS; FÉLIX. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino.

<sup>16</sup> GOELLNER. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes.

<sup>17</sup> DEVIDE. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos*, p. 82.

permitindo uma análise ampla das relações sociais.<sup>18</sup> Nesse âmbito, além de compreender as relações entre homens e mulheres, é importante entender como as narrativas históricas do passado moldam e influenciam as histórias do presente. Tais relações são, em essência, são de poder e estruturam as relações sociais:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido.<sup>19</sup>

Nessa conjuntura, um/a árbitro/a ocupa uma posição de poder durante uma partida de futebol. Ao decidir marcar uma falta, aplicar um cartão amarelo ou expulsar um/a jogador/a – mesmo quando baseado em critérios válidos estabelecidos pelas regras oficiais – ele/a está determinando os rumos da partida. Quando essa autoridade é uma mulher em um jogo de futebol masculino, ela frequentemente é vista como uma transgressora que estaria ocupando um espaço que não lhe pertenceria. Assim, constroem-se narrativas para justificar sua suposta inadequação àquela posição de poder. Esses argumentos se manifestam tanto através de discursos machistas explícitos (“lugar de mulher é em casa, cuidando das tarefas domésticas”) quanto pelo questionamento sistemático de sua competência profissional.

Essas percepções sobre a presença feminina no futebol são frequentemente distorcidas e amplificadas nas redes sociais. O fenômeno da pós-verdade é fundamental para entender como se constroem e se propagam essas narrativas digitais. Basicamente, a pós-verdade consiste em ignorar fatos e tornar emoções verdades incontestáveis. Embora esse fenômeno não seja novo nem exclusivo das mídias digitais, ele encontra nas redes sociais um terreno particularmente fértil para sua disseminação. Nesses espaços, os usuários frequentemente expressam opiniões desvinculadas de evidências empíricas, tomando suas crenças como verdades absolutas e pautando-se por emoções.<sup>20</sup>

Esse processo é intensificado pelas chamadas bolhas de filtros (ou filtragem), nas quais os usuários são sistematicamente expostos apenas a conteúdos que refor-

---

<sup>18</sup> SCOTT. Gênero: uma categoria útil da análise histórica.

<sup>19</sup> SCOTT. Gênero, p. 91-2.

<sup>20</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*. GUDONIS; JONES. “Who Controls the Past?”.

çam suas visões pré-existentes, sem contato com perspectivas. Essa perspectiva é alimentada por algoritmos que, embora fora do controle individual, criam ecossistemas de informação que reforçam continuamente as mesmas visões, limitando a exposição a pontos de vista diversos.<sup>21</sup> Essas bolhas de filtro são formadas através de algoritmos que analisam as predileções de cada usuário e criam um universo digital formado pelo gostos e crenças de cada um, o que modifica as relações com as informações e ideias, tornando o contraditório não bem-vindo a esse mundo.<sup>22</sup> No caso das árbitras de futebol, discursos misóginos podem ser amplificados e reforçados por meio de visões preconceituosas estimuladas por outras falas provindas de pensamentos semelhantes, além de ignorar todas as vozes dissonantes a tais narrativas.

### CAMINHOS METODOLÓGICOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como objeto de análise os comentários do *post* intitulado “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina” publicado de maneira compartilhada na rede social *Instagram* das contas oficiais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Seleção Feminina de Futebol. A divulgação ocorreu no dia 22 de maio de 2024 e conta com o seguinte texto de legenda:

De forma inédita, uma equipe de arbitragem 100% feminina trabalhou em um jogo da Copa Betano do Brasil. Nesta quarta-feira (22), às 19h, Fluminense e Sampaio Corrêa disputaram a classificação para as oitavas de final do torneio, 11 árbitras atuaram e fizeram história.

O número de profissionais escaladas pela Comissão de Arbitragem da CBF é maior do que para a partida entre Internacional e Atlético-GO, pelo Brasileirão Betano, em que dez mulheres estiveram presentes.

Também foi a primeira vez que um time de arbitragem inteiramente feminino foi designado para um confronto válido pela Série A do Campeonato Brasileiro.<sup>23</sup>

A divulgação é ilustrada pela imagem da árbitra da partida, Edina Alves Batista e, pela primeira assistente, Neuza Inês Back (Fig. 1). Ademais, a equipe de arbitragem foi formada por: a segunda assistente, Fabrini Bevilaqua Costa; a quarta

<sup>21</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*.

<sup>22</sup> PARISER. *The filter bubble*.

<sup>23</sup> Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Seleção Feminina de Futebol. Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina. *Instagram*, 22 maio 2024.



árbitra, Andreza Helena de Siqueira; a assessora, Ana Karina Marques Valentin; a árbitra de vídeo, Charly Wendy Straub Deretti; e a árbitra de vídeo (VAR), Amanda Matias Masseur. Até o momento que essa análise foi realizada, a publicação tinha 1005 comentários, 38,8 mil *likes* e 811 envios. Todos foram capturados e tiveram a identidade do usuário omitida.



Fig. 1: Fotografia que ilustra o *post* “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina”. Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Para o exame dos dados será utilizada a Análise de Conteúdo<sup>24</sup> por oferecer uma abordagem já consolidada na pesquisa qualitativa e bem estruturada que permite uma análise aprofundada. Em uma primeira etapa realizamos uma leitura flutuante dos comentários, técnica que nos permitiu identificar alguns padrões de respostas ao *post*. A partir da exploração mais detalhada dos comentários e da codificação dos dados enquadrámos todos os comentários em quatro categorias: incompetência, lugar da mulher, elogios e outros. A seguir analisaremos cada uma das categorias estabelecidas.

## ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nessa seção apresentaremos e discutiremos cada uma das categorias citadas no parágrafo anterior.

---

<sup>24</sup> BARDIN. *Análise de conteúdo*.



## Incompetência

Em nossas leituras, deparamo-nos com 289 comentários que colocavam em xeque a aptidão técnica da equipe de arbitragem, especialmente, a árbitra da partida, Edna. Esses usuários sugerem que a árbitra não tem condições técnicas para ocupar o cargo, ou seja, que não é competente na sua profissão. Como o recorte abaixo ilustra (Fig. 2):

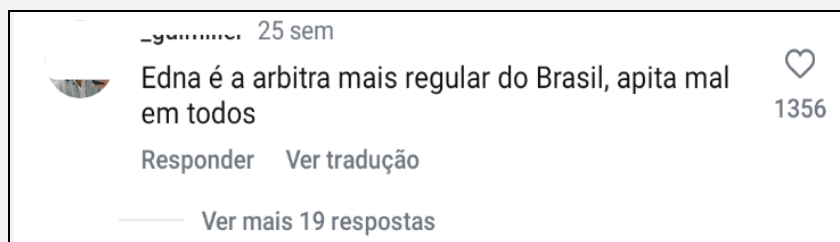


Fig. 2: Comentário com um tom de deboche que questiona a competência da árbitra.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

À primeira vista, notamos que o usuário recorre ao artifício do deboche para insinuar que a árbitra não é competente em seu ofício. Outro detalhe que chama a atenção é o grande número de curtidas, 1.358, o que sugere que são pessoas que concordam com o texto.

Quando as mulheres adentram um território dito masculino, é comum que enfrentem questionamentos sobre sua competência. Ao entrevistar treinadoras de futebol no Brasil, os autores<sup>25</sup> perceberam que as mulheres encaram constantemente a desconfiança em relação às suas capacidades e precisam, repetidamente, provar que são dignas do cargo que ocupam. As dúvidas e o ceticismo sobre a competência delas geralmente vêm dos homens, o que se torna uma barreira a mais para a consolidação de suas carreiras.

Não é de hoje que o esporte é representado como “um território onde os homens produzem e demonstram sua masculinidade”, sendo assim, é perceptível que, no senso comum, os treinadores devem ser homens. Essa realidade contribui para “produzir certos questionamentos acerca das competências das mulheres nessa posição”;<sup>26</sup> situação essa que é semelhante aos casos de árbitras de uma partida de futebol.

<sup>25</sup> FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil.

<sup>26</sup> JAEGER; GOMES; SILVA; GOELLNER. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades, p. 255.

Os preconceitos em relação às mulheres no futebol são gerados “pela ideia de incompetência e fragilidade, as quais mais uma vez se fundamentam no discurso da diferença biológica entre os gêneros”.<sup>27</sup> O pensamento de que o homem é superior em muitos aspectos, especialmente, o físico, vem da noção de que, biologicamente, o ser humano masculino é superior ao feminino, independentemente do treinamento a que os corpos se submetam. Esse discurso biologicista encontrou apoio na opinião pública e foi, historicamente, utilizado para proibir as mulheres de praticarem esportes, mas também criou âncora no discurso sociocultural. Desse modo, “os aspectos socioculturais que fundamentam estas formas de preconceito são o mito do sexo frágil, e as ideias de incapacidade e incompetência atlética feminina”.<sup>28</sup> A seguir, outros comentários que reforçam a pouca confiança em relação à capacidade da árbitra (Fig. 3).



Fig. 3: Comentários que questionam a competência da árbitra principal ou demonstram desgosto por ela ter sido escalada. Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Para se tornar árbitro/a de futebol da CBF, é preciso passar por testes físicos e de conhecimentos sobre as regras do jogo e interpretação dos lances, bem como de obter experiência para ser credenciado/a pela instituição, além de passar por reciclagens periódicas.<sup>29</sup> Mesmo assim, colocações como “precisa é de árbitro com algum critério” e lamentações pelos nomes escalados para a equipe de arbi-

<sup>27</sup> TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, p. 282.

<sup>28</sup> TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro, p. 282.

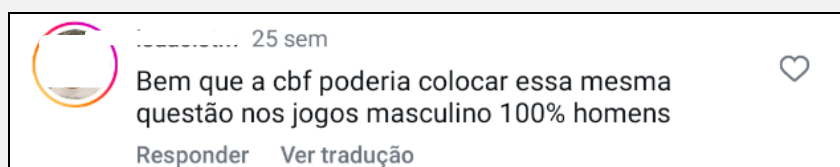
<sup>29</sup> Conf.: <https://abrir.link/Liqej>.

tragem, além das já citadas alegações da incompetência da árbitra aparecem em 289 comentários da postagem aqui estudada. Essas declarações corroboram a afirmação de que há “inúmeros discursos de interdição cerceando as mulheres que ousam adentrar territórios histórica e socialmente ocupados majoritariamente por homens como o futebol”.<sup>30</sup>

Isso geralmente não acontece com homens, como por exemplo, no caso de treinadores de futebol. Muitos treinadores são ex-atletas que não passaram por formações que possam comprovar sua qualificação para ocupar tal cargo; no entanto, sua competência não é posta em descrédito, já que, por serem do sexo masculino, parece legítimo que sejam treinador.<sup>31</sup> Sendo assim, o simples fato de serem mulheres causa uma resistência ao reconhecimento delas como profissionais qualificadas e isso parece também acontecer com as árbitras.

### Lugar de mulher

Um número expressivo de comentários, 235, insinua que o futebol não é lugar de mulheres. Cabe destacar que, “princiado no Brasil no início do século XX, o futebol de mulheres foi tratado por décadas como algo “bizarro” e inferiorizado em relação à prática da modalidade por homens”.<sup>32</sup> Dessa maneira, percebemos que, mesmo atualmente, a atuação de mulheres no futebol é, no máximo, tolerada – desde que elas não ‘invadam’ o território dominado pelos homens. Enquanto atuar no futebol feminino é socialmente aceito, a inserção no futebol masculino continua a ser vista como inaceitável. Podemos ver alguns exemplos abaixo (Fig. 4):



<sup>30</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol, p. 7.

<sup>31</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola.

<sup>32</sup> ACCOCELLA; SILVA; MARTINS; GALAT. Da proibição à ascensão: mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro, p. 3.

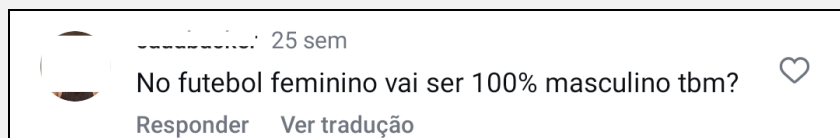


Fig. 4: Comentários que relativizam a presença feminina na arbitragem do futebol masculino.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Levando em consideração que “o futebol ainda é um espaço em que a participação das mulheres permanece restrita e elas são julgadas ou afastadas dele por motivos relacionados a valores e características da condição de ser mulher”,<sup>33</sup> muitos comentários reforçam a ideia de que o futebol masculino é ‘coisa de homem’, tratando a presença feminina como inadequada e como uma invasão a um território historicamente masculino. Seguem outros exemplos (Fig. 5):

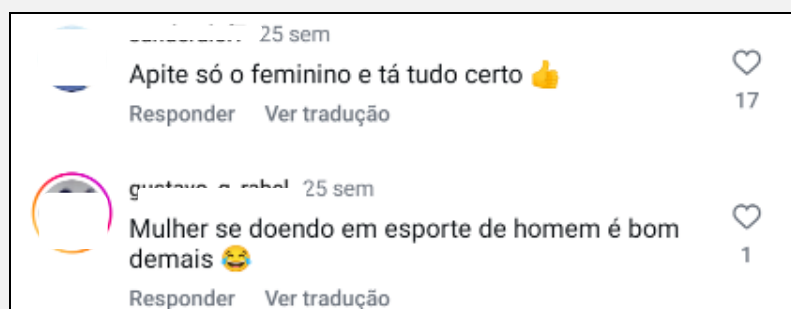
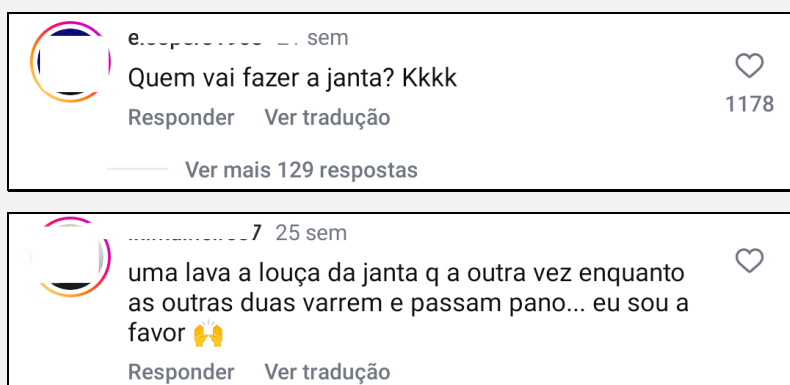
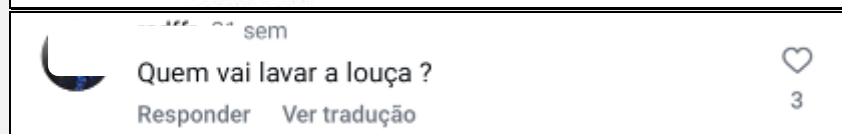


Fig. 5: Comentários que afirmam que as mulheres só deveriam arbitrar jogos femininos.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Além disso, há insinuações de que o ‘lugar delas é em casa’, associando-as exclusivamente aos afazeres domésticos. Esses discursos aparecem de forma recorrente, inclusive por meio de memes, como ilustrado na figura abaixo (Fig. 6):



<sup>33</sup> SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia, p. 20.



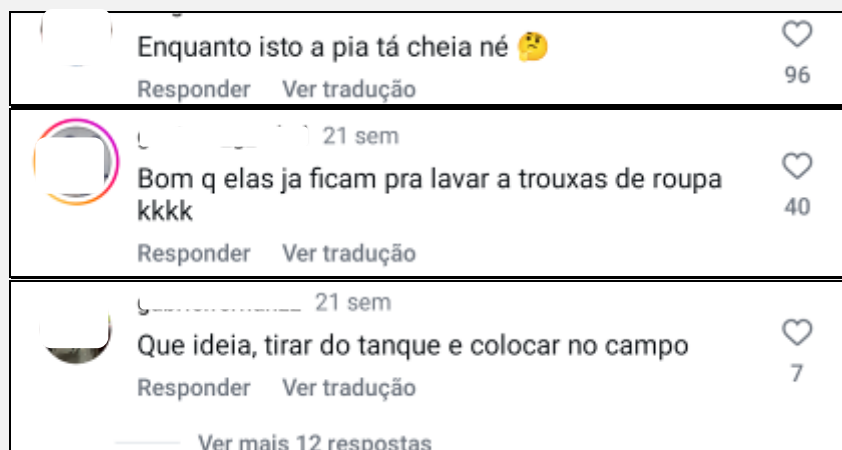


Fig. 6: Comentários que atribuem afazeres domésticos as mulheres.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Chama-nos a atenção o fato tentarem confinar as mulheres ao espaço doméstico, como se esse fosse seu lugar natural e inquestionável. Desde o da presença feminina no futebol, elas são vistas como invasoras de um espaço ‘que não lhes pertenceria’. Inicialmente, a resistência se justificava por uma suposta preocupação com seu bem-estar, e saúde – argumento que o machismo se apropriou, respaldado pela ciência da época.<sup>34</sup>

Na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres faziam de seu próprio corpo, daí derivando-se o tema da maternidade. Nos anos 30 e 40, a associação entre o autoritarismo político e as ideias da eugenia fazia do corpo uma questão de Estado e o colocava na ordem do dia.<sup>35</sup>

Mesmo após mais de 70 anos, o legado dessas ideias ainda persiste em nossa sociedade. Afirmar que uma mulher deveria estar em casa realizando afazeres domésticos é reforçar a noção de seu ‘lugar natural’ seria o lar, enquanto sua presença em espaços ditos masculinos – como os esportes – seria anormal. Sendo assim, o futebol ainda é visto como ‘coisa de homem’. Nos comentários analisados, percebemos a tentativa de relegar “no seu devido lugar, banindo-as de dentro das

<sup>34</sup> FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?.

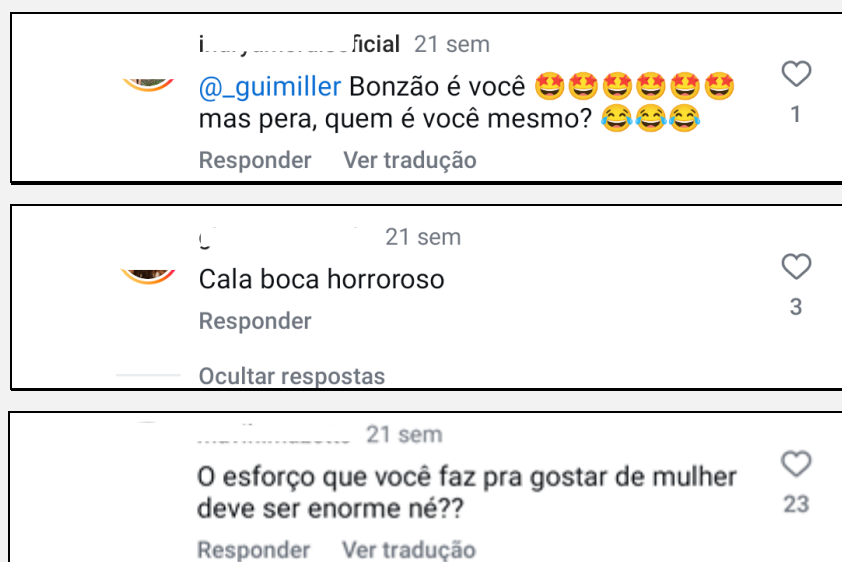
<sup>35</sup> FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?, p. 321.

quatro linhas, espaço próprio ao homem”.<sup>36</sup> O aspecto mais preocupante é que, embora essa afirmação tenha sido feita em 1940, o discurso atual nas redes sociais – a nova praça pública – mostra-se similar em 2024.

Em uma análise sobre as produções científicas acerca do futebol e futsal femininos, os autores<sup>37</sup> constataam que o preconceito em relação a presença feminina nesses espaços permanece evidente, embora menos explícito do que durante a vigência do Decreto-Lei. Embora esse preconceito não seja mais evidente nos discursos médicos ou na mídia tradicional, ele continua a se manifestar nos comentários da internet, onde os usuários se sentem à vontade para expor suas opiniões sem considerar o impacto sobre os leitores.

Essas manifestações nos comentários funcionam como mecanismos de manutenção da exclusão feminina de espaços tradicionalmente masculinos, como o futebol. Tais crenças são reforçadas dentro das bolhas que se criam nas redes sociais, onde, “a verdade se torna uma crença de grupo. Aqueles que não compartilham dessa crença são excluídos do grupo”.<sup>38</sup> Esse entendimento da dinâmica das redes sociais explica o alto engajamento em comentários como o primeiro da figura 6 – “Quem vai fazer a janta? kkk” – que recebeu 1.178 curtidas e 129 respostas, a maioria concordando e reforçando o pensamento que liga mulheres a trabalhos domésticos.

Abaixo vemos algumas respostas aos comentários acima.



<sup>36</sup> FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?, p. 324-5.

<sup>37</sup> ALMEIDA-SILVA; RIBEIRO. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços.

<sup>38</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*, p. XI. Tradução das autoras.



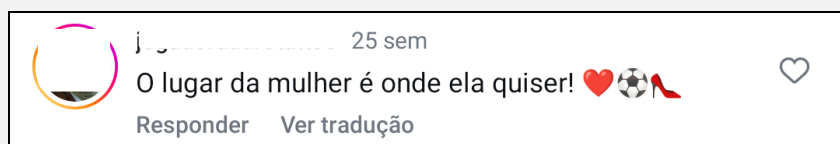


Fig. 7: Comentários que contrapõem os comentários machistas.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Diante disso, existe a tentativa de contrapor as colocações machistas apresentadas na figura 9 que, no entanto, demonstram pouco efeito prático, já que geram ainda mais comentários depreciativos e baixo engajamento positivo nas respostas que se opõe as ideias machistas.

Esses posicionamentos podem derivar de um comportamento de manutenção de normas sociais patriarcais que persistem mesmo em espaços digitais supostamente democráticos como as redes sociais. Esses espaços, por sua vez, são moldados pelas bolhas de filtragem nas redes sociais, nas quais os usuários tendem a interagir apenas com indivíduos de pensamentos semelhantes, criando grupos alinhados por convicções ideológicas que suprimem vozes críticas e reprimem opiniões dissidentes.<sup>39</sup> Ainda, “as plataformas de mídia social e as buscas na Web são uma criação dialética entre o usuário e a máquina”.<sup>40</sup> Nesse contexto, os comentários que excluem as mulheres ao mundo do futebol atuam como mecanismos de perpetuação dessas ideias. Desse modo, são reforçados preceitos machistas e preconceituosos, que reafirmam a noção de que as mulheres não deveriam ocupar espaços como o futebol masculino.

## Elogios

Nessa categoria, identificamos 99 comentários que valorizam o trabalho da equipe de arbitragem, com destaque para a árbitra principal. Essas manifestações incluem mensagem de incentivo à participação feminina em todos os espaços sociais, particularmente no futebol. Destacamos que a maioria dos apoios vem de outras mulheres, mas não se limita a elas, registrando-se também a adesão de homens nesse grupo. Abaixo seguem alguns exemplos (Fig. 8):

<sup>39</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*.

<sup>40</sup> STEINHAUER. *History, disrupted: how social media and the world wide web have changed the past*, p. 12. Tradução das autoras.

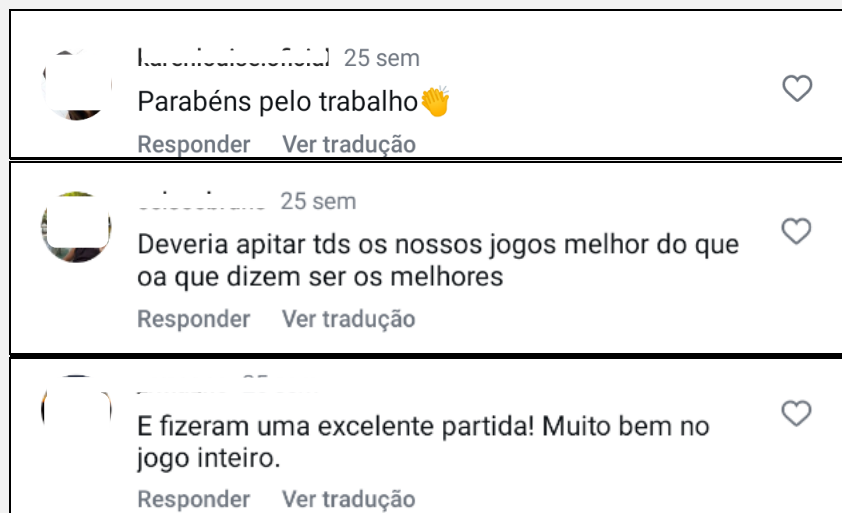
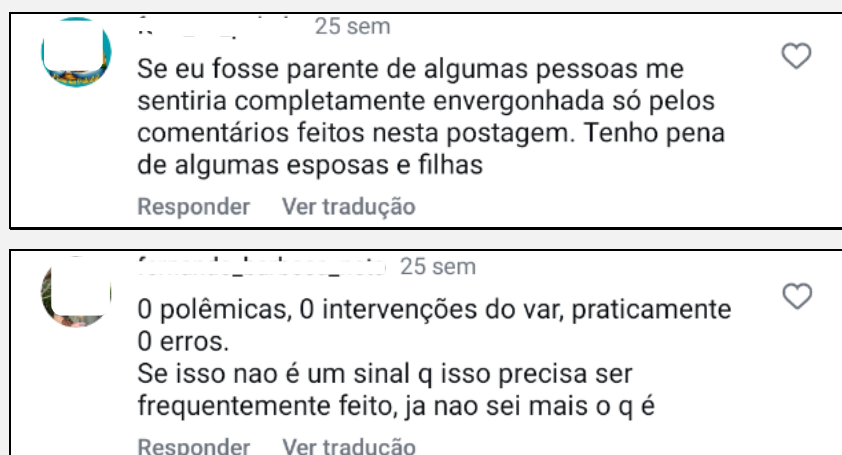


Fig. 8: Comentários que parabenizam e incentivam as árbitras.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Nos comentários analisados, podemos perceber apoio e incentivo às mulheres árbitras, evidenciando a existência de pessoas que acreditam no trabalho delas em contraste com as falas agressivas e depreciativas. Para enfrentar as violências que também acontecem nos campos de futebol, algumas árbitras participam de Grupos de Pertencimento da CBF, “espaços virtuais de afinidade usados para estudar regras, debater arbitragem e discutir notícias sobre mulheres no futebol. Esses grupos funcionavam como redes de apoio e sororidade, celebrando as conquistas das árbitras”.<sup>41</sup> Desse modo, encontrar mensagem de elogios às suas performances também pode funcionar como uma rede de apoio. No total, registramos 99 comentários dessa natureza. Incluindo respostas às colocações que desmerecem a convocação da equipe de mulheres para a arbitragem (Fig. 9).



<sup>41</sup> MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto [...], p. 118.

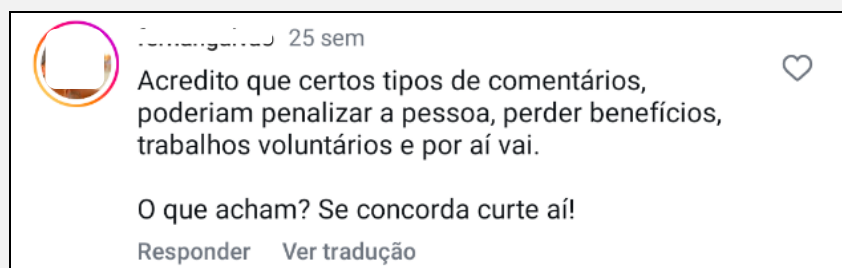


Fig. 9: Comentários que elogiam as árbitras e desaprovam as falas machistas.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Na figura 9, além de registrar incentivos às árbitras e reconhecer o bom trabalho em campo, também se manifestam indignações diante de comentários como os da figura 6. Essas reações instigam compaixão por quem convive os autores de tais comentários, e/ou apontam que algumas falas são tão graves que poderiam configurar infrações legais.

A cultura da pós-verdade, em que fatos, opiniões e emoções são equiparados, impacta tanto o discurso histórico profissional quanto o popular, muitas vezes de maneira prejudicial, distorcendo a realidade e legitimando narrativas baseadas em crenças.<sup>42</sup> Portanto, preservar e amplificar os registros positivos sobre árbitras pode ser uma estratégia para difundir comentários favoráveis à participação de mulheres no futebol masculino. Essa abordagem pode fomentar bolhas de filtros<sup>43</sup> e comunidades que promovem valores progressistas, ampliando o alcance dessas ideias.

## Outros

Nessa categoria, elencamos 382 comentários que não podem ser classificados nas categorias anteriores. Nesse conjunto, encontramos uma diversidade de conteúdos, como: sexualização das árbitras, manifestação de desinteresse pelo assunto, críticas à Copa do Brasil e à CBF por incluírem árbitras mulheres e discussões irrelevantes em relação ao *post* original.

<sup>42</sup> GUDONIS; JONES. "Who Controls the Past?".

<sup>43</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*.



Fig. 9: Comentários que menosprezam a presença das árbitras no futebol masculino.  
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

No primeiro comentário da figura 9, o autor demonstra desinteresse pelo acontecimento, afirmando que “ninguém queria saber”. Nesse caso, parece haver um esforço para ignorar e até menosprezar a presença de mulheres na arbitragem dos jogos masculinos de futebol. É importante destacar que dar visibilidade a eventos com protagonismo feminino é fundamental para a normalização da ocupação desses espaços por mulheres. Portanto, classificar como irrelevante a histórica formação do trio de arbitragem constitui uma forma de machismo, que invisibiliza conquistas femininas.

Quanto aos comentários que criticam a CBF por incluir árbitras ou que a acusam de ser ‘militante’ e negligenciar suas obrigações, eles transmitem a ideia de que a inserção feminina no futebol representa uma ameaça a tradição do esporte. Essa perspectiva revela mais uma faceta do machismo intrínseco em nossa sociedade. Essa fala dialoga com a afirmação “como é bom ter privilégio”, como se a presença de mulheres nesse espaço fosse apenas uma concessão por serem mulheres ou uma estratégia de marketing, e não o resultado de seu trabalho e mérito. Ao

analisar comentários sobre a estreia de Renata Silveira como narradora, a autora<sup>44</sup> encontrou algo semelhante que sugeriam que a Rede Globo estaria perdendo audiência e caminhando para a falência por incluir uma mulher nessa função.

Por último, temos os comentários do tipo que sexualizam as árbitras. No exemplo da figura 9, um usuário faz uma observação vulgar “a da direita me apetece”, referindo-se a foto que mostra a árbitra da partida, Edina Alves Batista e a primeira assistente, Neuza Inês Back (Fig. 1). Podemos notar que essas mulheres são vistas como objetos para serem desejados e não como profissionais exercendo seus deveres. Vale ressaltar que, nessa publicação, houve apenas dois comentários dessa natureza.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões de gênero, assim como a democracia, exigem uma luta constante por parte da sociedade, uma vez que nenhuma delas é consolidada de forma definitiva – é preciso um enfrentamento constante para manter os direitos adquiridos. A *internet* desempenha um papel ambivalente nesse contexto, pois pode ser usada tanto para causas progressistas, difundindo informações a pessoas com menor acesso a elas e ampliando a compreensão da sociedade, quanto para distorcer fatos, criar bolhas de informação que fazem com que as pessoas aceitem mentiras como verdades absolutas, comprometendo sua compreensão do mundo.

É importante ressaltar que “a *Internet* é uma fonte de informação que nos dá acesso ao mundo, mas não representa simplesmente o mundo”.<sup>45</sup> Em especial, nas redes sociais, onde se encontram realidades distorcidas e representações conflitantes e manipuláveis. É preciso discernimento para julgar o que é falácia e o que é fato, no entanto, não parece existir a preocupação em instruir para o bom uso das mídias, principalmente por parte das grandes empresas responsáveis pelas redes sociais. Nesse contexto, verificamos uma diversidade de respostas ao *post* “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina” na rede social *Instagram*. No total,

---

<sup>44</sup> JACOBOSKI. *A voz das mulheres*.

<sup>45</sup> ZOGLAUER. *Constructed truths*, p. 1. Tradução das autoras.

foram 1.005 comentários, que revelam diferentes opiniões e emoções que movem as pessoas a se expressarem sobre a participação feminina no futebol masculino.

Para análise, organizamos os comentários em quatro categorias: *incompetência, lugar da mulher, elogios e outros*. Na categoria “Incompetência”, identificamos 289 comentários que questionam a capacidade profissional das árbitras, especialmente da árbitra principal. Essa desconfiança em relação a competência feminina também foi observada em outros estudos sobre mulheres no futebol.<sup>46</sup>

Na categoria “Lugar de mulher” identificamos 235 comentários que afirmam que o futebol não seria lugar para mulheres. No máximo, as mulheres são toleradas se ficarem restritas ao futebol feminino, reservando-se o futebol masculino aos homens. Além disso, há comentários que associam as mulheres aos afazeres doméstico, sugerindo que elas deveriam estar em casa para “cumprir com o papel que as cabe”. Essa visão encontra eco na história do futebol como um lugar que, desde seu início, foi designado para homens e ainda mantém essa reserva, a qual é alimentada por preconceitos expressos e reiterados por outros usuários nas redes sociais.<sup>47</sup> Mesmo assim, também identificamos respostas que expressam indignação com a forma machista e misógina de alguns comentários, porém esses não obtiveram tanto engajamento.

Por sua vez, na categoria “Elogios”, 99 comentários apreciam e apoiam o trabalho das árbitras, mormente, da árbitra do jogo. Notadamente, a maioria vem de usuárias mulheres. Entendemos que esses comentários podem servir como uma contraposição às respostas negativas, preconceituosas e, por vezes, agressivas. Visto que, é importante que elas se sintam acolhidas e valorizadas.<sup>48</sup>

Enfim, na categoria “Outros” encontramos 382 comentários que apresentam uma variedade de colocações, como: sexualização das árbitras, desinteresse pelo assunto, afirmações de que a Copa do Brasil e a CBF estão ruins por escalarem árbitras mulheres e discussões alheias ao conteúdo do *post*. Resultado semelhante a

<sup>46</sup> FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. JAEGER; GOMES; SILVA; GOELLNER. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal. NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola. TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro.

<sup>47</sup> ACCOCELLA; SILVA; MARTINS; GALAT. Da proibição à ascensão. ALMEIDA-SILVA; RIBEIRO. Futebol e futsal de mulheres. FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia.

<sup>48</sup> MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto [...].

análise de comentários no *Twitter* (atualmente X) sobre a primeira participação da narradora Renata Silveira na Rede Globo.<sup>49</sup>

Concluimos que, ao adentrarem em espaços tradicionalmente masculinos como o futebol, as mulheres ainda enfrentam resistências diversas, acompanhadas de preconceitos e dúvidas sobre suas capacidades profissionais. Nessa conjuntura, as redes sociais são um campo fértil de opressões de gênero, regadas por emoções e crenças que moldam a realidade percebida em relação ao trabalho das arbitras. No entanto, há também incentivos e elogios a essas profissionais. Ressaltamos a necessidade de dar maior visibilidade para as histórias femininas no esporte, para que mais pessoas tenham a possibilidade de compreender que as mulheres são parte do mundo esportivo e têm o direito de participarem dele em todas as esferas. Por fim, destacamos as limitações desse estudo que foi baseado em apenas uma publicação e, também, a necessidade de outros estudos a respeito do tema.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ACCOCELLA, Luã Rebollo; SILVA, Luis Felipe Nogueira; MARTINS, Mariana Zuaneti; GALAT, Larissa Rafaela. Da proibição à ascensão: mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023.

ALMEIDA-SILVA, Gustavo Henrique de; RIBEIRO, Victor Barbosa. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, 2022.

BARDIN, Laurenece. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luis Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Trad.: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF); SELEÇÃO FEMININA DE FUTEBOL. Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina. **Instagram**, 22 maio 2024. Disponível em: <https://abrir.link/cvYQe>.

---

<sup>49</sup> JACOBOWSKI. *A voz das mulheres*.



DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 26, n. 1, p. 21-9, 2015.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-28, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 207-09.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performativos. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016.

GUDONIS, Marius; JONES, Benjamin T. “Who controls the past?”. In: GUDONIS, Marius; JONES, Benjamin T. (eds.) **History in a Post-Truth World**: Theory and Praxis. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2021.

HARTMANN, Andressa; OLIVEIRA, Myllena Camargo; JAEGER, Angelita Alice. From the stands to the center of the court: the women in futsal refereeing in Brazil. In: **Women’s Football in Latin America**, Springer, 2022, p. 221-37.

JACOBOWSKI, Bruna dos Passos. **A voz das mulheres**: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação à narração feminina na Globo. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2022.

JAEGER, Angelita Alice; GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Revista Movimento**, v. 16, n. 1, p. 245-67, 2010.

LIMA, Isabel Muniz; FERNANDES, Jéssica Oliveira. Interatividade e parâmetros tecnodiscursivos em práticas textuais impolidas no contexto do futebol feminino. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 37, p. 249-67, 2023.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEDINA, Asaléa. Asaléa de Campos Fornero Medina (depoimento). Igor Chagas Monteiro. **Projeto Garimpando Memórias**, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila. Arbitragem em futebol como um projeto profissional de mulheres. **Peer Review**, v. 5, n. 9, 2023.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila Nunes; SOARES, João Paulo Fernandes. A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis, 2017.

PARISER, Eli. **The filter bubble**. New York: Penguin Press, 2009.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. **X Congresso Latino-americano de Ciência Política** (ALACIP), 31 jul., 1, 2 e 3 ago. 2019.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Erico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHUSTER, Patrícia Regina; SILVEIRA, Fernanda Nunes da. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia: o drible do blog Dibradoras. **Movendo Ideias**, v. 25, n. 1, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil da análise histórica. Trad.: Guacira L. Louro. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA JUNIOR, Oliveira da Silva; FREITAS, Mayanne Júlia Tomaz; FÉLIX, Jeane. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 276-94, 2019.

STEINHAUER, Jason. **History, disrupted**: how social media and the world wide web have changed the past. Cham, Suíça: Palgrave MacMillan/ Springer, 2022.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-87, 2013.

ZOGLAUER, Thomas. **Constructed truths**: truth and knowledge in a post-truth world. Wiesbaden, Alemanha: Springer Nature, 2023.

\* \* \*

Recebido em: 09 dez. 2024.

Aprovado em: 31 jul. 2025.